



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

ENTRE A NORMATIVIDADE E O DESVIO: CONSUMOS DE CANÁBIS EM JOVENS COM TRAJETÓRIAS DE CONFLITO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Mariana Duro Moreira

Porto, novembro de 2020



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

ENTRE A NORMATIVIDADE E O DESVIO: CONSUMOS DE CANÁBIS EM JOVENS COM TRAJETÓRIAS DE CONFLITO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Mariana Duro Moreira

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Raquel Matos

Porto, novembro de 2020

Agradecimentos

À Catarina, a minha coorientadora não oficial, a pessoa que todos os dias me reensina tudo o que eu já sei, que me lembra do que eu me esqueço, que me chama a atenção para o que eu não vejo e que celebra todas as minhas pequenas conquistas. A luz que nunca se apaga, o abraço que nunca acaba e a bateria que nunca se esgota. A calma no meio da tempestade. O sítio onde tudo começa e termina. A amiga de quem eu mais me orgulho, que saiu da sua zona de conforto para fazer o correto. A amiga que vai comigo mudar o mundo. O símbolo da coragem, da inteligência, da competência, da empatia, do conforto e apoio. A representação da verdadeira amizade, que eu ainda não sei o que fiz para merecer. Obrigada por tudo.

À Rita e ao Sérgio, por toda a ajuda e ensinamentos, por serem os segundos pais, o porto de abrigo e a porta sempre aberta, por me lembrarem todos os dias de que é preciso falhar para ter sucesso, que cada um tem o seu ritmo e as oportunidades não têm *timing*. Por colocarem as coisas em perspectiva e me mostrarem que a realidade nem sempre é como eu a vejo. Por serem o exemplo do amor, da confiança, do esforço, da capacidade de adaptação e superação. E pela pizza também.

À Mamã, pelo apoio incondicional de todas as horas, pela paciência, por toda a ajuda e disponibilidade, por me dar a liberdade para ser quem sou e por demonstrar orgulho em mim independentemente de tudo. Por ser o exemplo do altruísmo, força, trabalho árduo e, acima de tudo, resiliência. Por fazer questão de me incomodar com dois beijos todos os dias antes de sair de casa de manhã cedo.

Ao Garfield, por ser o companheiro de uma vida. O símbolo do amor eterno e incondicional.

À Tia Nérita, por me proporcionar todas as oportunidades, por me fornecer todos os materiais necessários, sem os quais eu não poderia concluir esta etapa, por ser o exemplo do profissionalismo e mérito, e por me inculcar a ideia de que tudo deve ser feito com brio. Provavelmente vai julgar a construção gramatical desta frase.

Ao Papá e à Ângela, por todo o carinho, por serem o exemplo da humildade, do esforço e da superação, por me ensinarem que qualquer trabalho honesto é importante e deve ser valorizado, e por me transmitirem sempre a ideia de que ninguém é melhor do que ninguém.

Ao Babe, o meu parceiro, por ser a base de tudo, por toda a cumplicidade, por ser a única certeza e segurança, por não largar a minha mão e por ser quem mais me compreende, melhor me conhece e quem faz com que tudo valha a pena. Por ser a pessoa que põe a música no meu coração e a tranquilidade na minha mente caótica.

Ao Costa, ao Manel, ao Berna e ao Rui, por estarem lá ao fim do dia e me lembrarem que nem tudo é mau, por serem os companheiros de todas as horas e todos os momentos, bons e maus, por serem família apesar de tudo, por toda a nossa história e por todas as memórias que fazem de mim muito do que sou hoje.

À Inês, por ser das poucas pessoas que eu levo comigo p'rá vida, por me mostrar que as segundas oportunidades valem a pena, que nunca é tarde demais e que, por vezes, aqueles que pensamos estarem mais longe de nós, são os que estão mais perto.

Aos jovens e profissionais do projeto de educação de segunda oportunidade, por possibilitarem a recolha de dados que permitiu a realização deste estudo.

À Professora Doutora Raquel Matos, pela orientação, por toda a disponibilidade e suporte, pela confiança nas minhas capacidades e por toda a motivação que me transmitiu ao longo do tempo. Será sempre uma figura marcante do meu percurso na área da Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante, assim como um exemplo da ambição e rigor na investigação.

“Se em vez de 100 só tens 50, aprende a viver com 50.”

Resumo

Este estudo tinha como objetivos gerais identificar e descrever os padrões de consumo de canábis de jovens com trajetórias de conflito, explorar os significados que estes jovens atribuem ao consumo e compreender de que forma os consumos são considerados na intervenção junto desta população. Foram analisados dados previamente recolhidos para um estudo de caso realizado junto de jovens com trajetórias de conflito em contexto português, e posteriormente, foi realizada uma nova recolha de dados com uma amostra semelhante, através da aplicação de um questionário.

Os resultados permitiram identificar a frequência, os momentos e os locais em que ocorre o consumo, assim como as motivações para este comportamento. Foi possível compreender que o consumo tem relevância na vida dos jovens nas esferas social e pessoal, trazendo consequências positivas e negativas e podendo ser percecionado como um comportamento normativo ou como fonte de conflito.

Percebeu-se que, embora na intervenção que é feita junto dos jovens os consumos sejam desaconselhados, considerando os riscos que comportam, os jovens não se sentem discriminados ou repreendidos. A abordagem aos consumos que os jovens parecem preferir promove a redução de riscos e os padrões de consumo adequados, em vez de uma atitude proibitiva por parte dos profissionais.

Palavras chave: consumo de canábis; jovens; perceções; normalização; estigmatização.

Abstract

This study had as its overarching goal identifying and detailing the cannabis consumption patterns in conflicted youths, exploring the significance that these youths attribute to the consumption, and understanding how this factor is accounted for during interventions. An analysis was done on previously collected data from conflicted youths' case studies in a portuguese context and, afterwards, new data was collected via a questionnaire administered to a similar population.

The collected results allowed us to identify the frequency, timings and places where consumption occurred as well as the motivation for this behavior. It was possible to ascertain that this consumption has relevance in both the social and personal aspects of youths' lives, bringing them positive as well as negative consequences and being perceived as either a normative behavior or a source of conflict.

Although during interventions consumption is unadvised due to the risks it might entail, it was concluded that youths don't feel discriminated against or reprimanded. The approach to consumption that youths seem to prefer is one that promotes minimizing risk and adopting adequate consumption patterns, instead of a prohibitive attitude from professionals.

Keywords: cannabis consumption; young people; perceptions; normalization; stigmatization.

Índice de Conteúdos

Introdução.....	1
1. Enquadramento Teórico	3
1.1. Consumos de canábis	3
1.2. Lei, normalização e estigmatização	4
1.3. Consumos de canábis em jovens com trajetórias de risco e/ou delinquência	6
2. Estudo Empírico: Fase 1	9
2.1. Método	9
2.1.1. Participantes	9
2.1.2. Instrumentos	10
2.1.3. Procedimentos de recolha e análise de dados.....	10
2.2. Resultados	11
3. Estudo Empírico: Fase 2	14
3.1. Método	14
3.1.1. Participantes	14
3.1.2. Instrumentos	15
3.1.3. Procedimentos de recolha e análise de dados.....	15
3.2. Resultados	16
4. Discussão dos resultados.....	21
5. Conclusões	27
6. Limitações e direções futuras	29
Referências bibliográficas	30

Índice de Anexos

Anexo 1 – Questionário sobre Consumo de Canábis

Lista de Abreviaturas

PROMISE – Promoting Youth Involvement and Social Engagement

SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Introdução

O presente estudo enquadra-se no âmbito do projeto PROMISE – *Promoting Youth Involvement and Social Engagement: Opportunities and challenges for conflicted young people across Europe*, cujo principal objetivo é compreender como é que as respostas dos jovens aos seus problemas podem gerar conflitos, mas também, como é que estas respostas podem proporcionar oportunidades de compromisso social positivo. Em diversos estudos de caso realizados no âmbito do projeto PROMISE, quer em Portugal quer noutros países Europeus, embora não se tenha analisado os consumos de substâncias, percebeu-se que estes eram relatados pelos jovens quando descreviam as suas trajetórias de conflito (Matos et al., 2018; Matos et al., 2019). Partindo desse dado, entendeu-se que seria relevante explorar esses consumos e o modo como se articulam com as trajetórias de conflito dos jovens.

Além disso, o consumo de canábis é um tema atual e cada vez mais pertinente, na medida em que a sua legalização no nosso país já foi aprovada para fins terapêuticos através da Lei nº 33/2018, e tem sido discutida a legalização para fins recreativos, sendo este um tema que provoca alguma polémica e que justifica a necessidade de mais investigação na área. Do ponto de vista da prevalência, sabemos que a canábis é a substância ilícita mais consumida em Portugal e que o seu consumo tem vindo a aumentar ao longo dos anos, principalmente em camadas mais jovens da população, a maior parte dos consumidores relata ter um consumo diário ou quase diário, e também que a canábis é a substância ilícita com início de consumo mais precoce, como podemos verificar no IV Inquérito Nacional de Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral (Balsa et al., 2018). Além disso, no relatório anual do SICAD “A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências” de 2018, podemos ver que a canábis é percecionada como sendo a droga de maior acessibilidade.

Devido à sua saliência nos relatos dos jovens participantes no projeto PROMISE e à sua prevalência crescente no nosso país, o consumo de canábis é um fenómeno que merece ser mais investigado do ponto de vista qualitativo, para que possa ser melhor compreendido e para que a intervenção no mesmo seja cada vez mais adequada.

Assim, este estudo pretende identificar e descrever os padrões de consumo de canábis de jovens com trajetórias de conflito, explorar os significados atribuídos ao consumo por parte desses jovens e compreender de que forma os consumos de canábis são considerados na intervenção de que os jovens são alvo. Será constituído por duas fases de estudo empírico: uma primeira, onde serão analisados os dados recolhidos para o estudo de Matos e colaboradores

(2018), em particular os conteúdos que respondem de alguma forma aos objetivos deste estudo, e uma segunda fase onde ocorrerá uma nova recolha de dados junto de jovens. Nesta segunda fase, será também analisado o eventual impacto da pandemia da COVID-19 nos consumos de canábis por parte dos jovens.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Consumos de canábis

Ao longo do tempo, o consumo de canábis por parte dos jovens tornou-se cada vez mais aceite nas sociedades desenvolvidas, transformando-se até numa experiência comum (Fergusson et al., 2002). Para compreender melhor este fenómeno, há que atender aos significados associados ao consumo, tanto nas esferas social como pessoal da vida dos jovens.

Segundo Bell e colaboradores (1998), para compreender o contexto social do consumo de canábis entre jovens, é necessário examinar as suas explicações para o consumo, os métodos utilizados para consumir, a localização espacial e temporal do consumo e o grupo social em que o mesmo ocorre. Os jovens que constituíam a amostra deste estudo revelaram padrões de consumo distintos e diferentes significados associados ao mesmo: enquanto alguns jovens consumiram canábis apenas uma ou duas vezes, ou se envolviam no consumo de forma espontânea, quando surgia a oportunidade, outros jovens identificaram o consumo de canábis como sendo uma parte importante das suas vidas, ligada aos seus grupos de amigos, atividades sociais e controlo do humor. Surgiram ainda alguns fatores que os jovens relacionaram com o consumo de canábis, como por exemplo, circunstâncias de mudança e transição na vida, a importância dos grupos de amigos, o sentido de agência individual e a procura de novas experiências.

No contexto português, um estudo de Fonseca (2010) evidenciou que a maioria dos casos de consumo de canábis na adolescência se enquadra num padrão de tomada de risco e de experimentação que é típico desta fase da vida, não representando um problema grave de saúde física ou mental.

O consumo de canábis pode, ou não, ser considerado problemático pelos jovens consumidores, existindo diversas perceções face a esta questão. Num estudo recente acerca das perceções relativas ao consumo de marijuana em jovens universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos (Pearson et al., 2016), os jovens consumidores responderam a questões relacionadas com oito domínios de consequências deste consumo: consequências sociais e interpessoais, comprometimento ao nível do controlo, autoperceção negativa, autocuidado, comportamentos de risco, consequências ao nível académico e ocupacional, dependência física e consumo excessivo (consumo que provoca reações físicas como desmaios ou quebras de tensão). Foi questionado aos participantes se alguma destas consequências foi identificada nos últimos 30 dias. Aproximadamente 1 em cada 10 jovens

nega a existência de alguma destas consequências, enquanto 1 em cada 10 jovens revelou ter percebido 19 ou mais consequências negativas inseridas nos domínios anteriormente referidos. Os autores concluíram, também, que os jovens que apresentavam um consumo continuado ao longo da vida possuíam percepções mais positivas relativamente a diversos construtos relacionados com o consumo de marijuana, quando comparados com jovens não consumidores. De acordo com os mesmos autores, estes resultados realçam a pertinência da distinção entre o consumo problemático de marijuana e o consumo não problemático. Além disso, um estudo qualitativo que aborda os consumos de canábis e de tabaco em jovens entre os 15 e os 24 anos (Akre et al., 2010) concluiu que os participantes percecionavam o consumo de canábis de uma forma significativamente mais positiva do que o consumo de tabaco, descrevendo a canábis como sendo uma substância “natural”, “inofensiva” e “relaxante”, sendo até capazes de imaginar um futuro em que conjugam o consumo de canábis com o sucesso profissional.

1.2. Lei, normalização e estigmatização

O consumo de substâncias foi descriminalizado em Portugal através da Lei nº 30/2000. Antes do surgimento desta lei, os indivíduos que realizavam pequenos consumos e os que vendiam substâncias psicoativas ilícitas eram tratados da mesma forma pelo sistema de justiça, sofrendo consequências semelhantes, algo que veio a ser alterado pela lei em questão. Esta lei não tornou o consumo legal ou liberalizado, mas sim descriminalizado. Isto significa que o consumo continua a ser ilegal, constituindo uma contraordenação em vez de um crime. Além disso, esta lei prevê ainda que a posse de substâncias psicoativas numa quantidade estipulada em anexo à lei seja também uma contraordenação. O processamento destas contraordenações e aplicação das respetivas sanções é realizado pela Comissão para a Dissuasão da Toxicod dependência. As sanções podem variar, por exemplo, entre a aplicação de uma coima ou de uma admoestação, proibição de exercer uma profissão ou atividade, interdição de frequência de certos lugares, apresentação periódica em lugar a designar ou até prestação de serviços gratuitos a favor da comunidade. Esta alteração na legislação teve um forte impacto ao nível da epidemiologia dos consumos e dos indicadores dos riscos associados à saúde, assim como na economia e no sistema prisional, tornando Portugal um caso reconhecido internacionalmente (Carvalho, 2018).

Segundo Parker e colaboradores (2002), a descriminalização do consumo de canábis é um sinal do aumento do nível de acomodação cultural do mesmo, constituindo-se assim, um indicador do processo de normalização deste consumo no contexto português.

De acordo com o relatório anual do SICAD “A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências” de 2018, a canábis tem surgido sempre como a droga com as maiores prevalências de consumo em Portugal, como têm vindo a indicar diversos estudos realizados ao longo dos anos, em diferentes populações e contextos. Este documento refere, também, que o consumo de canábis no contexto português tem aumentado nos últimos anos em diversas faixas etárias e que a canábis é percecionada pela população portuguesa como a droga de maior acessibilidade. Tanto o aumento da prevalência do consumo como a perceção de acessibilidade da substância são importantes indicadores da normalização do consumo de canábis (Parker et al., 2002).

Ferreira (2011) levou a cabo um estudo cujos resultados sugerem, também, a existência de alguns fatores indicadores deste processo de normalização do consumo no contexto português. Além de evidenciar a perceção de acessibilidade da substância, os resultados deste estudo apontam, ainda, para a ideia de que os consumidores de canábis são percecionados como indivíduos “normais” pelos não consumidores, mantendo as suas ligações à sociedade convencional. Pode, então, verificar-se uma tendência para a normalização do consumo de canábis em Portugal, assim como se verifica noutros contextos.

De uma forma global, a canábis tem vindo a passar por um processo de normalização, como nos indicam os elevados níveis de consumo, a crescente tolerância social e aceitação cultural do consumo (Hathaway et al., 2011). Devido a este processo, torna-se necessária uma compreensão mais diferenciada deste fenómeno (Hathaway, 2004).

O uso de canábis tem vindo a ser menos associado a um determinado subgrupo ou ideologia (Hammersley, 2005; Hathaway, 1997). Este consumo tornou-se apenas um aspeto da vida das pessoas, e não uma parte significativa das suas histórias de vida. Além disso, este é um fenómeno que se tem tornado cada vez mais convencional, havendo uma convergência entre a forma como os consumidores se percecionam, e como são percecionados pelos outros (Hammersley et al., 2001). No entanto, o consumo de canábis é ainda proibido em praticamente todo o mundo, salvo raras exceções. Assim, os consumidores enfrentam, muitas vezes, consequências legais e experiências estigmatizantes.

Apesar das alterações ao nível da legislação e do processo de normalização descrito anteriormente, um estudo recente de Gandarinho e Cruz (2017) mostrou que, em Portugal, a perceção de riscos sociais e legais face ao consumo de canábis foi transversal a todos os participantes, que referiram recorrer a estratégias de ocultação do consumo de forma a evitar a estigmatização associada ao mesmo. Ainda neste estudo, os participantes concordaram que a legalização deste consumo poderia levar a uma diminuição do estigma e a outros benefícios.

1.3. Consumos de canábis em jovens com trajetórias de risco e/ou delinquência

A população alvo deste estudo são jovens com trajetórias de conflito, que envolvam risco psicossocial e comportamento desviante. O conflito que estes jovens enfrentam está geralmente relacionado com instituições sociais normativas tais como a escola, o sistema de justiça e a família, e poderá levar a comportamentos delinquentes ou criminais, estigmatização, insucesso académico, abandono escolar e dificuldades em encontrar emprego (Matos et al., 2018; Matos et al., 2019). Algumas dimensões da vida destes jovens parecem não se conformar com as normas sociais, ou não se enquadrar nas expectativas sociais relativas ao papel, trajetórias e comportamentos da juventude (Matos et al., 2018).

O consumo de substâncias e a delinquência partilham alguns antecedentes – comportamento antissocial precoce, dificuldades na escola, dificuldades nas relações familiares, pares delinquentes ou consumidores de substâncias e rebeldia (Hawkins et al., 1988; White et al., 1987). No entanto, estes fatores em comum podem estar subjacentes a um conjunto de comportamentos problemáticos ou levar a diferentes manifestações comportamentais (Hays & Ellickson, 1996). Alguns autores defendem que as fases iniciais e avançadas do consumo de drogas coincidem com fases iniciais e avançadas da delinquência, estando intrinsecamente ligadas (Elliot et al., 1989), enquanto outros argumentam que indivíduos que consomem drogas e indivíduos que apresentam comportamentos delinquentes formam grupos distintos e podem não partilhar uma subcultura geral associada aos comportamentos desviantes (White et al., 1985; White et al., 1987).

A evidência de que existem fatores de risco comuns para o consumo de substâncias e a delinquência durante a adolescência, bastante documentada nos anos 80 e 90 do séc. XX (e.g., Hawkins et al., 1988), sugeria que esforços para prevenir ambos os comportamentos deviam ter como alvo os mesmos fatores de risco. Além disso, devido às elevadas taxas de consumo de substâncias entre as populações delinquentes, concluiu-se que eram necessários tratamentos e intervenções para os consumos nestas populações. Alguns estudos concluíram que o uso de substâncias é mais comum entre jovens que se envolvem em comportamentos delinquentes do que noutros adolescentes, surgindo até a ideia de que quanto maior era o consumo de substâncias por parte dos jovens, maior era o seu envolvimento em comportamentos desviantes (Elliott et al., 1985; Hays & Ellickson, 1996; Watters et al., 1985). Por outro lado, um estudo mais recente do contexto norueguês (Pedersen & Skardhamar, 2010) concluiu que o uso de canábis na adolescência e no início da idade adulta pode estar associado a um envolvimento em atividade criminal, mas apenas à que está relacionada com a substância (ex.: posse e

distribuição). No entanto, o uso de canábis não parece representar um fator de risco para o envolvimento no crime em geral.

O aumento do consumo de canábis, que foi acontecendo ao longo do tempo, levantou preocupações com possíveis associações entre este consumo e riscos para problemas psicossociais (Fergusson et al., 2002). Um ponto de vista relativo a esta questão argumenta que as associações entre o consumo de canábis e o ajustamento psicossocial não são, geralmente, causais. Nesta perspetiva, os problemas de ajustamento surgem devido a determinados fatores que estão associados ao consumo de canábis (Weinberg et al., 1998). Por exemplo, está bem documentado o facto de que o consumo de canábis é mais frequente em jovens com experiências de vida mais negativas (problemas de ajustamento precoces, depressão precoce, fraco desempenho académico, etc.) (Fergusson et al., 2002). Tendo em conta esta associação entre o consumo de canábis e experiências psicossociais adversas, podemos concluir que os problemas de ajustamento associados ao consumo de canábis podem aparecer pois este consumo é comum entre jovens com experiências adversas, e não devido ao consumo em si.

A ideia de rebeldia, de atração por novas experiências e de risco, é uma das imagens que mais distingue os jovens (Lerner et al., 2010, cit in. Fonseca, 2010), o que leva a que muitos investigadores estudem a associação entre problemas de comportamento e consumo de drogas em jovens (Matos et al., 2016). No contexto português, foi encontrada uma prevalência de coocorrência destes problemas na ordem dos 8% em adolescentes entre os 14 e os 15 anos e dos 11% em jovens com idades entre os 17 e os 18 anos (Fonseca, 2013). Apesar de existir esta ideia de que o uso de drogas está associado com o comportamento desviante e/ou delincente, o mesmo estudo concluiu que o uso de drogas é um preditor fraco de comportamento desviante em jovens entre os 17 e os 18 anos de idade. Segundo Trigueiros e Carvalho (2010), são poucos os jovens que consomem drogas e que cometem crimes e, quando o fazem, os crimes cometidos são, normalmente, ofensas menores.

Partindo do argumento descrito de que os consumos de substâncias e os problemas de comportamento partilham determinados fatores de risco, Kamon e colaboradores (2005) propuseram um modelo de intervenção nos consumos de marijuana e problemas de comportamento em jovens, baseado na gestão de contingências. Os autores partiram da ideia mencionada anteriormente de que o consumo de substâncias e os problemas de comportamento partilham diversos fatores de risco, já que uma grande parte dos jovens com consumos problemáticos também experienciam problemas de conduta (Dennis et al., 2004), que por sua vez são preditores de pobres resultados em intervenções dirigidas ao consumo problemático de substâncias (Kaminer et al., 1992). O modelo descrito tem como alvo os consumos

problemáticos de substâncias e os problemas de comportamento, combinando intervenções baseadas em evidências para o abuso de substâncias, os problemas de conduta e a adesão ao tratamento. De acordo com os autores, este modelo parece promover a abstinência de consumo de substâncias e a redução nos problemas de comportamento. É importante salientar que, na revisão da literatura relativa à intervenção que tem como alvo jovens com trajetórias de risco e/ou delinquência, foram escassos os estudos em que a intervenção analisada incorporasse uma componente relativa a consumos de substâncias. Este modelo de intervenção (Kamon et al., 2005) parece ser o único disponível que aborda tanto os consumos de marijuana como os problemas de conduta e cruza estes dois comportamentos, tornando-se pertinente para o presente estudo. Relativamente à intervenção nos consumos de canábis em jovens, a maior parte dos modelos encontrados na literatura parece focar-se apenas nesse tema, separando-o das questões da delinquência e do comportamento desviante.

2. Estudo Empírico: Fase 1

Nesta primeira fase do estudo empírico, analisámos dados recolhidos no estudo de caso “*Young People With Paths of Psychosocial Risk and Deviant Behavior*” (Matos et al., 2018), realizado no contexto português no âmbito do projeto PROMISE.

Este estudo de caso tinha como objetivo perceber quais as fontes de conflito de jovens com percursos de risco psicossocial e comportamento desviante, quais as consequências da estigmatização destes jovens, quais as suas respostas ao conflito, como é que estas respostas ajudam os jovens a produzir mudanças, qual o papel das relações intergeracionais tanto na produção do conflito como na mudança e como é que as respostas destes jovens ao conflito podem ser transferidas para outros jovens em circunstâncias equivalentes (Matos et al., 2018).

2.1. Método

2.1.1. Participantes

A amostra do estudo de Matos e colaboradores (2018) era constituída por 26 jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, alguns dos quais a cumprir medidas tutelares educativas e outros inseridos em projetos de educação de segunda oportunidade. Destes jovens, 9 eram do sexo feminino e 17 do sexo masculino. Além disso, todos os participantes se encontravam solteiros à data da recolha dos dados e dois deles tinham um filho de idade precoce. 10 participantes referiram viver com os progenitores, 10 referiram viver apenas com a progenitora. 1 participante residia com o progenitor, 1 participante residia com os avós, 1 participante residia sozinho e 3 participantes encontravam-se institucionalizados. De todos os participantes, apenas 2 não se encontravam envolvidos formalmente em qualquer tipo de educação. Dos jovens envolvidos em educação, 17 frequentavam projetos de educação de segunda oportunidade, 6 frequentavam algum tipo de formação profissional e apenas 1 participante frequentava o ensino regular. 20 participantes frequentavam um tipo de educação correspondente ao 3º ciclo do ensino básico, enquanto 4 participantes estavam envolvidos no ensino secundário. 2 participantes referiram trabalhar em *part-time*. A maior parte dos participantes relatou ter tido um percurso escolar problemático no ensino regular, maioritariamente relacionado com comportamentos conflituosos, absentismo escolar e insucesso académico.

2.1.2. Instrumentos

Os dados foram recolhidos ao longo de 7 meses, através de entrevistas semiestruturadas a jovens e a professores, grupos de discussão e observação participante.

Os guiões de entrevista e de observação permitiram explorar as perspetivas dos participantes sobre o conflito e a estigmatização que os jovens enfrentam, sobre a forma como os jovens lidam com o conflito, sobre as mudanças que podem resultar das respostas ao conflito e de que forma estas podem ser transferidas para outros jovens em circunstâncias semelhantes.

Os guiões dos grupos de discussão focaram, no primeiro, os temas da juventude e do conflito, e no segundo as experiências dos jovens no ensino regular e a comparação das mesmas com as experiências no projeto de educação segunda oportunidade.

Embora nenhum guião contemplasse intencionalmente o tema dos consumos, este acabou por surgir de forma espontânea nos diversos momentos de recolha de dados.

2.1.3. Procedimentos de recolha e análise de dados

Os autores pretendiam recrutar jovens com trajetórias de conflito e de não conformidade com instituições sociais normativas, como por exemplo, a escola ou o sistema de justiça. Assim, os participantes foram recrutados junto de instituições educativas destinadas a jovens em situação de abandono escolar e junto de uma equipa tutelar educativa do Ministério da Justiça. Foi pedido à equipa tutelar educativa que apresentasse o projeto a jovens que se encontravam a cumprir medidas tutelares educativas e os convidasse a participar voluntariamente em entrevistas individuais. 6 jovens aceitaram participar no estudo e foram entrevistados através deste método de recrutamento. Além disso, foi solicitada a colaboração de dois projetos de educação de segunda oportunidade, como forma de obter acesso a um contexto onde os jovens com o perfil pretendido estariam envolvidos no quotidiano. Os projetos de educação de segunda oportunidade ofereciam qualificações académicas equivalentes ao 3º ciclo do ensino básico a jovens que apresentavam percursos escolares problemáticos ou mal sucedidos e que abandonaram o ensino regular. Através destes projetos, foram recrutados 20 jovens para entrevistas individuais.

Relativamente à observação participante, esta foi efetuada num dos projetos de educação de segunda oportunidade e decorreu durante 7 meses, através de 13 visitas ao contexto com uma duração média de 3 horas. Os investigadores observaram e participaram, juntamente com os jovens, em atividades desenvolvidas habitualmente naquele projeto, reuniões semanais, duas visitas exteriores e também em momentos informais. Foram também organizadas duas

discussões em grupo com os jovens do projeto que se tornou o principal contexto da investigação.

Os dados recolhidos para este estudo de caso (Matos et al., 2018) foram analisados com a finalidade de procurar conteúdos relevantes para o alcance dos objetivos do presente estudo e fornecer pistas para o procedimento de recolha de dados da fase 2. Foram analisadas as transcrições das entrevistas com os jovens que participaram no estudo de caso e com alguns professores do projeto de educação de segunda oportunidade onde foi desenvolvida a maior parte da investigação. Os diários de campo onde ficaram registadas informações provenientes dos momentos de observação participante e as notas relativas aos grupos de discussão foram também examinados. Através do *software* NVivo 12 foi feita uma pesquisa por palavras chave, nomeadamente “fumar”, “charro”, “ganza”, “erva”, “droga”, “canábis”, “haxixe” e “marijuana”. Desta forma, foi possível localizar os momentos das entrevistas em que os jovens referiram estes consumos. Uma pesquisa semelhante foi efetuada nos ficheiros relativos às entrevistas com os professores e nos diários de campo, tendo sido encontradas duas referências a consumos de canábis. Além disso, foram analisados os dados inseridos numa categoria de conteúdo previamente criada pelos investigadores no *software* NVivo 12, com a designação de “consumo de drogas e álcool”, na qual foram localizadas todas as referências relativas ao consumo de canábis.

2.2. Resultados

Dos 26 jovens que constituíam a amostra deste estudo de caso, 13 referiram os consumos de canábis nas suas entrevistas. Nestas referências, foi possível identificar duas perspetivas predominantes: os consumos de canábis percecionados como fonte de conflito, identificada no discurso de 8 jovens, e os consumos de canábis percecionados como algo normativo ou até positivo, observado nos relatos de 3 participantes. Além disso, dois jovens mencionaram as duas perspetivas nos seus discursos acerca do consumo.

No que diz respeito à perceção dos consumos de canábis como fonte de conflito, é de admitir que, no geral, estes foram descritos como um comportamento desviante ou delinquente e também como sendo uma barreira para o envolvimento social. Os jovens que revelaram este tipo de perspetiva referiram-se, maioritariamente, às consequências negativas que este consumo provocou nas suas trajetórias, como por exemplo, o consumo como motivador do absentismo escolar e o consumo como causador de indisciplina (“*não ia às aulas, eu só entrava na escola, saltava o portão e ia fumar drogas essas coisas*”), conflitos no contexto escolar, desinteresse (“*não sabem aproveitar meu, só querem estar lá fora [...] sempre a fumar a fumar... isso não*

dá. Por isso mesmo é que andam aí três, quatro anos”) e insucesso acadêmico (“*eles fumavam ganza todos os dias [...] quando comecei a ver os resultados deles disse não posso fazer isto eu tenho que endireitar e acabei lá o sétimo e passei pro oitavo*”). O consumo foi, também, mencionado diversas vezes como sendo uma fonte de conflito nas relações intergeracionais. Alguns participantes relataram sensações de marginalização, estigmatização e discriminação (“*quando fumava... muita gente olhava de lado. Porquê?*”), especialmente por parte de gerações mais velhas, referindo que as mesmas não compreendem os consumos e os percebem de forma excessivamente negativa (“*a geração antiga por exemplo vê muito isso [o consumo] como um crime uma coisa muito má e isto e aquilo isso vai-te levar a caminhos piores*”). Foram referidas, também, dificuldades no relacionamento com os pares devido aos consumos de canábis e a influência negativa que os pares consumidores podem ter na vida dos jovens (*comecei a fumar também estupefacientes, comecei a fumar isso com frequência, comecei a parar com essas pessoas... Pronto, comecei a ficar assim mesmo marado*). Alguns jovens mencionaram, ainda, que o consumo de canábis por vezes é percebido pelos consumidores como sendo uma solução para as suas dificuldades e que tal não deve acontecer (“*não é um conto de ganza que nos vai dar emprego, não é um conto de ganza que nos vai dar escolaridade [...] e eles mais tarde vão perceber que tiveram dificuldades, meteram-se naquelas soluções [...] e vão perceber que isto não deu*”).

Por outro lado, alguns jovens também revelaram perspetivas mais positivas acerca do consumo de canábis, percebendo-o até como um facilitador do envolvimento social. Alguns participantes envolvidos num dos projetos de educação de segunda oportunidade revelaram que o consumo de canábis era um comportamento considerado normativo nesse contexto (“*uma pessoa fuma e o carago, vai ali abaixo, fuma, tá com o pessoal, depois vimos todos para cima, e tal e vamos para a aula. É assim*”) e até valorizado pelos jovens, na medida em que os motivava para se envolverem nas atividades proporcionadas pelo projeto (“*se eu vir que ele fuma ganza, ele vem mais rápido para o [nome do projeto socioeducativo] [...] aqui, este é o único [nome do projeto socioeducativo] que nos deixam fumar*”). Alguns jovens consideravam o consumo de canábis algo positivo e divertido desde que feito com moderação, enquanto outros o percebiam como uma estratégia útil para lidar com os problemas e as dificuldades que enfrentavam (“*ainda hoje fumo às vezes, pra descontrair ... para esquecer os problemas*”). Por último, surgiu no discurso de alguns jovens a ideia de que o consumo de canábis é inofensivo (“*que mal tem fumar? Não vejo mal nenhum. Cada um sabe da sua vida [...] desde que tenha o seu trabalho, as suas coisas organizadas, é uma pessoa completamente normal*”). Neste

sentido, houve até uma comparação com o consumo de álcool, considerado normativo e aceito na sociedade, o que também deveria acontecer com o consumo de canábis (“*eu prefiro vender droga e tenho tanta culpa ali como o senhor José que tem uma mercearia e vende vinho, que toda a gente vai lá buscar [...] vender droga também é ilegal porquê?*”).

Através da análise das entrevistas com os professores, foi possível encontrar apenas uma referência a consumos de canábis que nos indica para a perceção deste comportamento como uma fonte de conflito. O professor em questão revelou considerar estes consumos como sendo um dos problemas predominantes nas trajetórias dos jovens participantes do estudo. O consumo de canábis foi descrito como sendo motivador do absentismo escolar e do envolvimento em comportamentos delinquentes (“*começam a consumir [...] em vez de irem para a aula vão fumar uns charros com os amigos [...] depois para ganhar dinheiro para comprar o charro é preciso ir arranjar dinheiro e envolver-se em pequenos furtos, depois há coisas mais complicadas...*”), assim como uma fonte de estigmatização dos jovens (“*muitos chegam aqui com estigmas de serem chamados à atenção, chamados “são uns ganzas, não fazem nada”, mesmo a própria família...*”).

Relativamente aos diários de campo, foi encontrada também uma referência a consumos de canábis, numa nota relativa à observação participante. Nesta nota, o investigador refere-se a um episódio em que observou alguns jovens a ausentarem-se de uma atividade no projeto de educação de segunda oportunidade com a finalidade de consumir canábis, acrescentando que conseguiu observar os efeitos da substância nos jovens após o seu regresso à atividade. Na mesma nota, o investigador revela também que existe uma permissividade e naturalidade dos técnicos e jovens do projeto face ao consumo de canábis que seria interessante explorar e aprofundar.

3. Estudo Empírico: Fase 2

Na segunda fase deste estudo, pretendeu-se aceder ao fenómeno do consumo de canábis por parte de jovens com trajetórias de conflito. Especificamente, definiu-se como objetivo identificar a frequência dos consumos, descrever as características dos contextos ambientais e sociais em que ocorrem os consumos, compreender as motivações destes jovens para o consumo de canábis e a importância que estes jovens atribuem ao consumo de canábis nas esferas social e pessoal, identificar e explorar as consequências que estes jovens associam ao consumo de canábis, perceber de que forma estes jovens percebem o consumo de canábis como sendo um comportamento normativo e de que forma eles identificam o consumo de canábis como sendo uma fonte de conflito, descrever como é que são abordados os consumos de canábis na intervenção de que estes jovens são alvo e, por fim, compreender as suas percepções acerca desta abordagem dos consumos.

Tendo em conta que pretendíamos explorar os significados e compreender as percepções dos jovens relativamente ao consumo de canábis, optou-se por uma abordagem qualitativa (Ritchie & Lewis, 2003), focada nas perspetivas dos participantes, nos seus significados e visões subjetivas (Creswell, 2007).

3.1. Método

3.1.1. Participantes

Os participantes deste estudo constituem uma amostra semelhante à do estudo de caso mencionado na fase 1 (Matos et al., 2018). Trata-se de uma amostra constituída por 17 jovens com trajetórias de conflito, que se encontram a frequentar um projeto de educação de segunda oportunidade, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos.

Do conjunto de participantes, 10 pertencem ao género masculino e 7 ao género feminino. Relativamente ao seu nível de escolaridade, a maioria revela ter completado o 9º ano do ensino básico, com a exceção de um participante que refere ter frequentado a escola até ao 8º ano e um participante que refere ter concluído o 6º ano de escolaridade. Dos 17 jovens que constituem esta amostra, 10 frequentam o projeto de educação de segunda oportunidade há 2 anos, 3 frequentam este projeto há 3 anos, outros 3 jovens participam no projeto há 1 ano, e apenas um jovem refere frequentar o projeto há menos de 1 ano. Todos os participantes revelam não ter um emprego à data do preenchimento do questionário. Quanto ao seu agregado familiar, 7 participantes referem residir com os progenitores e irmão(s), 4 residem com a progenitora e

irmão(s), 4 jovens revelam viver apenas com a progenitora, um participante refere residir apenas com o progenitor e outro com um(a) companheiro(a) da progenitora.

A escolha dos participantes foi efetuada com base num processo de amostragem intencional. Desta forma, não existiu uma preocupação em obter uma amostra estatisticamente representativa, mas sim uma amostra representativa do fenómeno em questão e das características da população (Ritchie & Lewis, 2003).

3.1.2. Instrumentos

A recolha de dados para este projeto de investigação foi efetuada através do “Questionário Sobre Consumos de Canábis” (Cf. Anexo 1), construído pelas investigadoras para este efeito. O questionário é constituído por uma secção inicial onde são recolhidas informações sociodemográficas, seguida por várias secções onde são abordados os seguintes temas: os padrões de consumo dos jovens (frequência e contextos do consumo), as motivações para o consumo, os significados que os jovens atribuem ao mesmo (qual o papel e a importância dos consumos e de que forma são percecionados), a forma como os consumos são abordados na escola se segunda oportunidade que frequentam e as suas perceções acerca desta abordagem. Além disso, inclui também uma secção final onde se pretende averiguar se existiram alterações nas dimensões acima referidas face à pandemia da COVID-19. As secções aqui mencionadas tiveram por base os objetivos do presente estudo e as respostas disponibilizadas aos participantes nas questões de escolha múltipla foram baseadas na literatura existente e noutros questionários sobre o tema (Balsa, 2004; Boys et al., 2001; Brodbeck et al., 2007; Kosmicare, 2020; SICAD, 2020; Simons et al., 1998).

Tendo em consideração que esta recolha de dados ocorreu durante a pandemia da COVID-19, a mesma teve de ser adaptada às circunstâncias. De forma a manter o carácter qualitativo deste estudo, este instrumento foi desenhado com o propósito de facilitar uma recolha de dados emergentes da subjetividade dos participantes relativos às suas perspetivas sobre consumos de canábis, incluindo questões de resposta aberta e fechada. Através deste questionário, pretende-se obter a maior quantidade de informação possível acerca deste tema e um conjunto de dados que nos permita atingir os objetivos do presente estudo.

3.1.3. Procedimentos de recolha e análise de dados

Os dados foram recolhidos em contexto escolar, nomeadamente num projeto de educação de segunda oportunidade, destinado a jovens provenientes de contextos vulneráveis que abandonaram o ensino regular. O contacto com os participantes foi estabelecido pelos

profissionais do próprio contexto, que lhes solicitaram o preenchimento do questionário desenvolvido para efeitos deste estudo. O questionário em questão foi disponibilizado em formato eletrónico, através da partilha de um *link*. Os participantes expressaram o seu consentimento informado, após lhes ter sido fornecida informação acerca dos objetivos do estudo e esclarecidas as questões legais inerentes ao mesmo, nomeadamente o facto de ser garantida a anonimidade, questões associadas ao tratamento dos dados e o carácter voluntário da participação.

A análise dos dados foi realizada tendo em conta as diferentes secções do questionário e os objetivos do estudo. Primeiramente foram lidas as respostas dos participantes às perguntas do questionário. Cada questão foi analisada individualmente, procurando-se perceber de que forma o conteúdo das respostas poderia atender aos objetivos definidos. Para cada objetivo, foram selecionadas as informações mais relevantes obtidas através do questionário que permitissem responder adequadamente ao mesmo.

3.2. Resultados

Padrões de consumo de canábis

Dos 17 jovens que constituem a amostra deste estudo, apenas 6 revelam já ter consumido canábis. Destes, 2 participantes referem ter iniciado o consumo aos 16 anos de idade, enquanto os restantes indicam os 12, 14, 15 e 18 anos como a idade do primeiro consumo.

No que diz respeito aos padrões de consumo de canábis por parte de jovens com trajetórias de conflito, os dados obtidos mostram que 4 jovens consomem canábis atualmente ou consumiram nos últimos 6 meses. Destes, 3 referem consumir numa base diária e um jovem refere consumir raramente, enquanto dois jovens relatam não consumir atualmente.

Relativamente às substâncias derivadas da canábis consumidas, 2 participantes revelam efetuar consumos de haxixe, comumente referida como “ganza”, um participante relata consumir apenas marijuana, normalmente designada de “erva”, e um participante refere consumir ambas.

Contextos ambientais e sociais do consumo de canábis

Quanto às características dos contextos ambientais e sociais em que ocorrem os consumos, 2 participantes referiram consumir canábis na presença de um(a) companheiro(a), um jovem revela consumir acompanhado por amigos ou sozinho, e outro participante refere consumir com um(a) companheiro(a) ou sozinho. Quanto aos locais onde ocorre o consumo, os 4 jovens que consomem canábis atualmente identificaram a casa onde residem, a casa de

amigos, ruas, praças e jardins, tendo 2 dos participantes indicado, adicionalmente, o consumo em parques ao ar livre. Em relação aos momentos e ocasiões de consumo, todos os participantes que consomem atualmente indicaram consumir em momentos de convívio com amigos. Adicionalmente, 2 jovens referem consumir antes de se irem deitar, um revela consumir também depois de acordar, outro participante refere consumir na pausa do trabalho e um participante relata ainda consumir em ocasiões de festa.

Motivações para o consumo de canábis

Relativamente às motivações dos jovens para o consumo de canábis, as duas razões que mais referiram foram o consumo como uma forma de relaxar, e o consumo como forma de celebrar em certas ocasiões. Além destas, foram indicadas outras motivações para o consumo, nomeadamente as ideias de que o consumo facilita a socialização, amplifica a criatividade, aumenta o nível de extroversão, favorece a concentração, melhora o humor e estado de espírito, ajuda a lidar com os problemas e traz sentimentos de felicidade.

Consequências associadas ao consumo de canábis

Questionados sobre as consequências (positivas ou negativas) do consumo de canábis, todos os jovens consumidores negaram a existência de consequências negativas provenientes desse consumo. Por outro lado, todos identificaram consequências que percecionam como positivas associadas a este comportamento. Quanto a estas, os participantes identificaram alguns exemplos, sendo o mais prevalente o facto de o consumo os ajudar a sentirem-se mais relaxados no dia a dia. Além desta consequência positiva, os jovens indicaram ainda que o consumo os ajuda a lidar com os problemas, traz sentimentos de felicidade, proporciona momentos de diversão e melhora as relações que os jovens mantêm com os seus amigos.

Perceção do consumo de canábis pelos jovens em geral

No que diz respeito à perceção do consumo de canábis pelos jovens em geral, a maior parte dos participantes considera que essa perceção é positiva. Neste sentido, surgiram ideias como o facto de que o consumo de canábis pode contribuir para que os jovens obtenham um determinado estatuto social desejado (“*acham que consumir é uma coisa fixe*”, “*fazem-se mais em frente aos outros miúdos por fumarem*”), além de que pode ser uma atividade prazerosa (“[eles consomem] *porque gostam*”). Por outro lado, houve 3 participantes que referiram que os jovens percecionam o consumo de canábis de uma forma negativa devido aos riscos que o mesmo comporta para a saúde, ao seu carácter ilegal, ao estado de alteração da consciência que

provoca (“*altera o estado da pessoa*”) e ao possível desenvolvimento de uma dependência da substância.

Perceção do consumo de canábis pelas gerações mais velhas

Relativamente à perceção das gerações mais velhas sobre o consumo, todos os jovens referiram que estas tendem a perceber o consumo de forma negativa, mencionando diversos exemplos que justificam esta posição. Algumas questões que surgiram foram os riscos para a saúde (“*sabem que faz mal à saúde*”) e o carácter aditivo da substância (“[o consumo de canábis] *é um mau vício que prejudica a vida dos jovens*”), o facto de estas gerações considerarem que o consumo pode colocar os jovens em trajetórias de risco (“*porque pode trazer [os jovens] por maus caminhos*”), a ilegalidade do consumo, o facto de que a perceção negativa do consumo pode estar relacionada com a perceção da sociedade relativamente a este tema em épocas anteriores (“*nos tempos deles não era assim tão à vontade*”) e, por fim, o facto de as gerações mais velhas terem mais “*experiência de vida*”.

Perceção do consumo de canábis pelos professores do projeto de educação de segunda oportunidade

No que diz respeito à forma como os participantes consideram que os professores da escola de segunda oportunidade percebem os consumos de canábis, a maioria dos participantes, com apenas uma exceção, considera que o consumo é percebido de forma negativa pelos professores. Quando lhes foi pedido que justificassem e fornecessem exemplos para esta perspetiva, os jovens trouxeram as ideias de que os professores não julgam os alunos por apresentarem este comportamento, mas desaconselham-no, pois já têm mais “*experiência de vida*” e, por essa razão, têm um melhor conhecimento das consequências que este consumo pode trazer para os jovens. Além disso, surgiram também as questões da ilegalidade deste consumo e o carácter aditivo da substância (“*os professores acham o consumo de canábis mau porque veem que é um vício de alguns alunos e só lhes está a prejudicar*”), além dos riscos que o consumo traz para a saúde (“*porque mata as pessoas lentamente*”).

Abordagem aos consumos de canábis no projeto de educação de segunda oportunidade

A maioria dos participantes refere que os consumos de canábis são um tema frequentemente abordado na escola de segunda oportunidade, relatando que, nessa abordagem, é adotada uma visão negativa dos consumos. Na perspetiva dos jovens, os profissionais deste contexto querem “*o melhor para todos os alunos*”, procurando dissuadir os alunos deste

comportamento (“os professores tentam abrir os olhos aos alunos que consomem”, “[os profissionais deste contexto abordam o consumo de forma negativa] *para conseguir que os jovens o deixem!*”), devido aos riscos que este comporta para a saúde (“a droga, como o cigarro, faz mal”, “porque faz mal à saúde”), devido à sua ilegalidade e ao carácter aditivo da substância (“*torna-se complicado quando o vício já está entranhado no corpo*”). No geral, os jovens parecem concordar com esta abordagem.

Os jovens levantaram ainda outras ideias sobre a abordagem aos consumos, nomeadamente o facto de este comportamento ser usualmente falado de modo aprofundado neste contexto e não tão frequentemente quanto gostariam. Referiram também que quando o tema é abordado, é, normalmente, através da questão dos riscos para a saúde (“*fala-se mais para dizer que é uma droga e só faz mal ao corpo humano*”), surgindo a perspetiva de que deveriam ser abordados também os benefícios (“*alguns estudos dizem que a canábica pode servir para remédios*”). Um jovem refere ainda que a abordagem que o projeto de educação de segunda oportunidade apresenta em relação aos consumos é ineficaz, pois não dissuade os jovens de adotarem este comportamento (“*parece que fazem mal [ao abordar o tema do consumo] porque mal eles saem fumam logo 4 paivas seguidos*”).

Impacto da pandemia da COVID-19 no consumo de canábica

Relativamente ao impacto da pandemia da COVID-19 e a consequente interrupção das atividades presenciais no projeto de educação de segunda oportunidade no consumo de canábica por parte dos jovens que constituem a amostra deste estudo, apenas 4 referiram alterações neste comportamento. Destes 4 jovens, 2 referiram que passaram a consumir canábica mais frequentemente, um jovem revela que passou a consumir uma maior quantidade de canábica de cada vez e um participante revela ter cessado o consumo. No que diz respeito à frequência de consumo de canábica no decorrer da pandemia de COVID-19, os 3 participantes que consomem neste período referem consumir diariamente, e quanto ao contexto social em que consomem, 2 jovens revelam consumir acompanhados por um(a) companheiro(a), enquanto um participante refere consumir sozinho ou com amigos. Quanto aos locais de consumo durante o período da pandemia da COVID-19, 3 participantes referem consumir em casa de amigos e em ruas, praças ou jardins, surgindo também o consumo na própria casa e o consumo em parques ao ar livre. Além disso, 3 jovens referiam consumir em momentos de convívio com os amigos, 2 participantes referiram consumir na pausa do trabalho e um jovem revelou consumir antes ou depois das refeições. Por fim, em relação às motivações dos jovens para o consumo de canábica no decorrer da pandemia da COVID-19, 2 participantes referem consumir por consideraram

que os ajuda a relaxar, tendo surgido também o consumo de canábis como forma de fomentar a concentração, melhorar o estado de espírito e o humor, assim como uma forma de lidar com os problemas.

4. Discussão dos resultados

Na presente secção é apresentada a discussão dos resultados obtidos nas fases 1 e 2 do estudo empírico, organizada em função dos objetivos estabelecidos globalmente para o estudo.

Identificação e descrição dos padrões de consumo de canábis de jovens com trajetórias de conflito

Através dos dados obtidos na Fase 2, foi possível verificar que a maioria dos jovens consumidores apresenta este comportamento com uma frequência diária. Na Fase 1, foram também encontradas algumas referências ao consumo diário, o que parece ser consistente com as informações estatísticas sobre este consumo a nível nacional (Balsa et al., 2018).

Quanto aos contextos ambientais e sociais em que ocorrem os consumos, os resultados da Fase 1 indicam predominantemente os consumos em contexto escolar e em momentos de convívio com amigos e colegas. Na Fase 2, os jovens relataram consumir sozinhos, acompanhados por amigos ou por companheiros, referindo como locais de consumo a própria casa, a casa de amigos, e locais públicos tais como ruas, praças, jardins e parques. Relativamente aos momentos de consumo os participantes referiram consumir antes de ir deitar, depois de acordar, na pausa do trabalho e em ocasiões de festa e celebração.

No que diz respeito às motivações dos jovens para o consumo de canábis, em ambas as fases do estudo foi referido o consumo como forma de lidar com os problemas e como facilitador da socialização. Na Fase 2, os jovens mencionaram ainda consumir para fomentar a criatividade, a extroversão e a concentração, melhorar o seu humor e estado de espírito e obter sentimentos de felicidade. Algumas destas motivações para o consumo, como por exemplo o controlo do humor, os benefícios percebidos ao nível das atividades sociais, o relaxamento, o esquecimento dos problemas e a redução da inibição são coerentes com o que já tem vindo a ser evidenciado na literatura (Balsa, 2004; Bell et al., 1998).

Compreensão dos significados atribuídos ao consumo de canábis por jovens com trajetórias de conflito

Tendo em conta que os participantes da Fase 2 que consomem atualmente canábis revelaram fazê-lo em momentos de convívio e acompanhados por companheiro/a(s) ou por amigos, constatamos que o consumo tem alguma importância na esfera social da vida destes jovens. Outras pistas que apontam para este resultado são, por exemplo, o facto de uma das motivações apontadas pelos jovens para o consumo de canábis ser o facto de este facilitar a socialização, assim como terem indicado, como consequência positiva deste comportamento,

uma melhoria nas relações com os amigos. A importância atribuída ao consumo na esfera social da vida dos jovens encontra-se documentada na literatura, como por exemplo num estudo de Bell e colaboradores (1998), no qual os jovens relataram consumir no contexto do grupo de amigos, como forma de facilitar a socialização e conversação, dados semelhantes aos encontrados no presente estudo. Na Fase 1, os jovens mencionaram também diversas vezes o consumo em momentos de convívio com amigos e colegas e identificaram este comportamento como sendo importante para a socialização no contexto escolar.

Quanto à importância atribuída pelos jovens ao consumo de canábis na esfera pessoal da sua vida, foi possível verificar na Fase 2 que os jovens apresentaram uma tendência para associar este comportamento a diversas dimensões pertinentes do ponto de vista pessoal. Especialmente no que toca às motivações para o consumo e consequências positivas associadas ao mesmo, os jovens referiram o consumo de canábis como uma forma de relaxar, de promover a criatividade e a concentração, de melhorar o humor e estado de espírito, além de revelarem que este comportamento os ajuda a lidar com os problemas e lhes traz sentimentos de felicidade e diversão. Algumas destas questões foram também referidas pelos participantes da Fase 1, nomeadamente o facto de considerarem que o consumo de canábis os ajuda a relaxar, a lidar com os seus problemas e a divertirem-se mais. Todos estes fatores relatados pelos participantes de ambas as fases nos levam a concluir que este consumo tem relevância do ponto de vista pessoal para estes jovens.

O consumo de canábis enquanto estratégia de *coping* parece ser bastante prevalente nos discursos dos jovens em ambas as fases deste estudo, constituindo uma dimensão importante da vertente pessoal deste comportamento. De acordo com Fergusson e colaboradores (2002), a literatura é consensual no facto de que o consumo de canábis é mais prevalente em jovens com experiências psicossociais adversas, pelo que é de admitir a possibilidade de os jovens recorrerem a este comportamento como estratégia de *coping* para lidar com estas mesmas experiências. Tendo em conta este facto, podemos também compreender melhor a importância dos sentimentos de felicidade, diversão e relaxamento, assim como as melhorias no humor e estado de espírito que os jovens consideram obter através do consumo de canábis. É importante notar, ainda, que alguns jovens compreendem que este comportamento não constitui uma forma adequada de lidar com os problemas, revelando alguma capacidade de *insight* sobre a situação.

Relativamente às consequências do consumo, os jovens consumidores que participaram na Fase 2 negaram qualquer consequência negativa deste comportamento nas suas vidas, referindo apenas consequências positivas tais como o facto de se sentirem mais relaxados no dia a dia, considerarem que consumo os ajuda a gerir os seus problemas, lhes traz felicidade,

diversão e benefícios para as suas relações interpessoais. Por outro lado, os participantes da Fase 1, embora tenham mencionado algumas consequências percebidas como positivas, relataram predominantemente consequências negativas deste comportamento nas suas vidas, semelhantes às consequências referidas pelos jovens num estudo de Pearson e colaboradores (2016), ao nível social, interpessoal e académico. As consequências negativas indicadas pelos jovens da Fase 1 relacionavam-se com o absentismo escolar, a indisciplina, desinteresse e insucesso a nível académico, assim como dificuldades e conflitos no relacionamento com os pares e a influência negativa dos pares consumidores.

Embora, na Fase 2 do estudo, os participantes consumidores terem referido apenas consequências positivas do consumo e negado consequências negativas, um olhar global para os resultados aponta para uma perspetiva acerca deste comportamento maioritariamente negativa. Uma hipótese explicativa para este fenómeno poderá ser o facto de a maior parte dos participantes não serem consumidores. De acordo com um estudo de Pearson e colaboradores (2016), os jovens que apresentavam um consumo de canábis continuado possuem, no geral, perceções mais positivas relativamente a este comportamento, quando comparados com jovens não consumidores. Tendo em conta que a perspetiva que teve mais peso no presente estudo foi a de jovens não consumidores, pois apenas 4 jovens referiram consumir canábis atualmente, o conjunto de dados obtido transmite uma perceção geral negativa das consequências consumo de canábis.

Sendo um dos objetivos deste estudo compreender se os jovens percebem este comportamento como sendo normativo ou como sendo uma fonte de conflito, percebeu-se que os dados apontam em ambos os sentidos.

Quanto à perceção do consumo de canábis como sendo um comportamento normativo, foi possível confirmar a presença desta perspetiva em alguns jovens na Fase 2. O facto de os jovens consumidores terem apresentado diversas consequências positivas que atribuem ao consumo de canábis, assim como o facto de que este consumo parece ter um papel importante nas suas vidas, são indicadores de que este comportamento é percebido como normativo e até positivo. Além disso, a maior parte dos participantes da Fase 2 considera que os outros jovens veem o consumo de uma forma positiva, surgindo nos seus discursos ideias como o estatuto social desejável associado ao consumo e o prazer que esta atividade pode proporcionar. Estas ideias também podem constituir indicadores de que o consumo é percebido como sendo um comportamento normativo pelos participantes. Na Fase 1, também foi possível identificar nos discursos dos jovens a perspetiva do consumo de canábis como sendo um comportamento normativo, nomeadamente por facilitar as interações interpessoais em contexto

social e escolar, ser uma atividade prazerosa e divertida e útil enquanto estratégia de *coping*. Além destas pistas que apontam para a percepção do consumo como um comportamento normativo, existe ainda outra perspectiva pertinente que suporta esta percepção, nomeadamente o consumo de canábis como algo inofensivo e possível de conciliar com um estilo de vida normativo. Esta perspectiva foi também encontrada na literatura, por exemplo num estudo de Akre e colaboradores (2010) no qual se concluiu que os participantes percecionavam o consumo de canábis de uma forma bastante positiva e descreviam a canábis como uma substância “inofensiva”, “natural” e “relaxante”, referindo-se, ainda, à possibilidade de conjugar este consumo com uma vida normal e até sucesso profissional.

A percepção do consumo de canábis como um comportamento normativo por parte dos jovens em ambas as fases deste estudo apoia a tendência para a normalização deste comportamento, tanto no contexto português como de forma global. O processo de normalização, tal como descrito no enquadramento teórico, envolve uma tolerância social e aceitação cultural do consumo (Hathaway et al., 2011), assim como uma percepção dos indivíduos consumidores como “normais” (Ferreira, 2011) e do consumo com um comportamento convencional (Hammersley et al., 2001). Desta forma, os resultados do presente estudo parecem ser consistentes com a literatura no que diz respeito a este processo.

A análise dos dados evidenciou que os jovens consumidores da Fase 2 não indicaram diretamente qualquer consequência negativa do consumo. No entanto, existem questões relacionadas com a forma como os jovens pensam que o consumo é percecionado, que revelam que o mesmo pode ser visto como uma fonte de conflito, tanto pelos jovens consumidores como não consumidores. Entre as respostas fornecidas pelos participantes às diversas perguntas do questionário, foram várias as que apontam para a percepção do consumo de canábis como uma fonte de conflito. Daqui surgiram questões como os riscos que este comportamento comporta para a saúde, o carácter ilegal do consumo e o estado de alteração da consciência que este provoca. Além disso, foi possível compreender que os participantes consideram que as gerações mais velhas percecionam o consumo de uma forma bastante negativa, referindo diversas questões que podem ser também geradoras de conflito quando lhes foi solicitada uma possível justificação para esta percepção. Além de vários pontos já mencionados anteriormente, os jovens trouxeram o facto de estas gerações considerarem que o consumo coloca os jovens em trajetórias de risco e a possibilidade de esta percepção excessivamente negativa estar relacionada com a percepção da sociedade relativamente aos consumos em épocas anteriores. Assim, o consumo de canábis por parte dos jovens parece ser potencialmente gerador de conflitos intergeracionais.

A perspectiva deste consumo enquanto comportamento gerador de conflito foi também encontrada nos discursos dos jovens participantes da Fase 1. Estes jovens indicaram diversas consequências negativas do consumo nas suas trajetórias, e identificaram este comportamento como sendo causador de diversos problemas no contexto escolar, como por exemplo, o desinteresse e insucesso académico, assim como dificuldades ao nível das relações interpessoais com pares. Além destas, uma dimensão predominante nos relatos destes jovens acerca do consumo foi, tal como na Fase 2, o consumo como gerador de conflitos com as gerações mais velhas. Os participantes da Fase 1 revelaram sentirem-se marginalizados e estigmatizados devido a este comportamento especialmente por parte de gerações mais velhas, que, de acordo com os jovens, percebem o consumo de forma excessivamente negativa e não compreendem as motivações para este comportamento. Na Fase 1 deste estudo foram analisadas, ainda, entrevistas realizadas junto de professores deste contexto, nas quais foi possível observar também a ideia do consumo de canábis enquanto fonte de conflito para os jovens, tendo sido mencionadas as questões do absentismo escolar, a estigmatização e o envolvimento em comportamentos delinquentes como consequência do consumo.

As experiências estigmatizantes associadas ao consumo relatadas pelos jovens que participaram neste estudo são consistentes com a literatura (Gandarinho & Cruz, 2017; Hammersley et al., 2001). A estigmatização deste comportamento é uma dimensão que continua a ter um grande peso, apesar do processo de normalização que parece estar a decorrer globalmente. Quanto ao envolvimento dos jovens em comportamentos delinquentes como consequência do consumo, Pedersen e Skardhamar (2010) concluíram que o consumo de canábis na adolescência e início da idade adulta pode estar relacionado com um envolvimento em comportamentos delinquentes que estejam associados ao próprio consumo, como é o caso de um exemplo mencionado por um professor participante da Fase 1, em que os jovens efetuam pequenos furtos para poderem adquirir a substância.

Compreensão da forma como os consumos de canábis são considerados na intervenção junto de jovens com trajetórias de conflito

Os últimos objetivos deste estudo dizem respeito às perspectivas dos jovens sobre a forma como os consumos de canábis são abordados no projeto de educação de segunda oportunidade que frequentam. A maioria dos participantes da Fase 2 consideram que os profissionais deste contexto possuem uma perspectiva negativa acerca deste comportamento, pois procuram dissuadir os jovens de se envolverem no consumo, alertando-os para os riscos para a saúde que este comportamento pode trazer, assim como para o carácter aditivo e ilegal da substância. Os

jovens parecem considerar, também, que a percepção negativa dos professores sobre o consumo se deve ao seu maior conhecimento e experiência relativamente às consequências que este comportamento pode ter na vida dos jovens.

Embora um dos jovens pense que esta abordagem ao consumo pode não ser eficaz na promoção de padrões de consumo adequados, a maioria dos participantes parece, no geral, validar, compreender e considerar adequada a perspectiva dos professores. Além disso, os jovens trazem, ainda, outras questões interessantes acerca da abordagem adotada pelos profissionais deste contexto, nomeadamente o facto de que o consumo é falado de forma aprofundada naquele ambiente, e até que gostariam que fosse falado mais frequentemente.

Os participantes referem, ainda, que apesar de os professores desaconselharem o consumo de canábis, não discriminam nem repreendem os jovens por se envolverem neste comportamento. Esta ideia é consistente com um dado encontrado na Fase 1 deste estudo, nomeadamente o facto de ser relatado pelos investigadores nos diários de campo uma certa permissividade e naturalidade dos técnicos do projeto face ao consumo de canábis. Através do discurso de alguns participantes da Fase 1, foi possível compreender que os jovens apreciam a abordagem mais permissiva e não discriminatória que os profissionais têm no projeto de educação de segunda oportunidade, referindo até que esta abordagem os motiva para se envolverem nas atividades proporcionadas neste contexto.

Compreensão do impacto da pandemia da COVID-19 nos consumos de canábis

Por fim, apesar de não ir ao encontro dos objetivos delineados originalmente para este estudo, tornou-se pertinente compreender o impacto que a pandemia da COVID-19 poderá ter tido nos consumos de canábis por parte dos jovens com trajetórias de conflito que participaram na Fase 2 deste estudo. Era expectável que surgissem algumas mudanças, especialmente no que diz respeito aos padrões de consumo (frequência, intensidade, contextos ambientais e sociais, etc.) e às motivações dos jovens para este comportamento. Foi possível observar algumas alterações ao nível da frequência de consumo, havendo alguns jovens que referem ter passado a consumir com maior frequência e um participante que cessou o consumo como consequência desta situação. No entanto, no que diz respeito aos contextos sociais e ambientais onde ocorre o consumo e às motivações para o consumo, não foram verificadas diferenças significativas face aos dados fornecidos pelos jovens sobre o período antes da pandemia.

5. Conclusões

Os resultados do presente estudo constituem um contributo para uma melhor compreensão dos consumos de canábis em jovens com trajetórias de conflito, permitindo elaborar algumas conclusões sobre este fenómeno.

Em primeiro lugar, parece existir uma dinâmica em que os jovens recorrem ao consumo de canábis como estratégia de *coping* devido às experiências de vida adversas que enfrentam. No entanto, esta estratégia de *coping* não parece ser adequada, na medida em que este mesmo comportamento acaba por, na perspectiva dos jovens, causar novas experiências adversas e consequências negativas. Assim, a questão do uso do consumo enquanto estratégia de *coping* merece especial atenção e demonstra a necessidade de os jovens adquirirem estratégias alternativas para lidar com os seus problemas, o que pode ser atingido através da intervenção. É fundamental que os jovens sejam alvo de intervenções eficazes, nas quais a questão dos consumos seja abordada de forma adequada. Um possível objetivo para estas intervenções é trabalhar com os jovens a adoção de estratégias de *coping* adaptativas, procurando simultaneamente que consumo ocorra de forma moderada e segura, em contextos e condições apropriados.

Os resultados deste estudo são também relevantes para a compreensão deste fenómeno especificamente no que diz respeito a jovens com trajetórias de conflito a nível escolar e académico, possibilitando compreender melhor de que forma o consumo se relaciona com essa esfera da vida dos jovens. Neste sentido, este estudo permitiu-nos conhecer algumas das consequências que este comportamento pode ter no percurso escolar dos jovens com trajetórias de conflito, surgindo como um motivador para o absentismo escolar, o desinteresse, indisciplina e insucesso a nível académico. Adicionalmente, os resultados deste estudo permitem também compreender que a perceção que os jovens têm do consumo de canábis como uma fonte de conflito provém maioritariamente da estigmatização por parte de gerações mais velhas. De acordo com os participantes, o consumo não é compreendido por estas gerações e é fonte de comportamentos discriminatórios por parte das mesmas. Isto sugere que é necessário um esforço para sensibilizar as gerações mais velhas para a questão dos consumos, partilhando informação e desmistificando este comportamento e, assim, abrindo caminho para a emergência de atitudes de aceitação, abertura e compreensão.

Além disso, os resultados deste estudo trazem também algumas implicações para a prática e intervenção junto destes jovens, permitindo concluir que estes têm uma preferência por abordagens do consumo que evitem a repreensão, proibição e estigmatização, mas que

alertem para os riscos para a saúde, para as consequências legais do consumo e também para os efeitos que este comportamento pode ter nas suas trajetórias. Embora apresentem algumas dúvidas, os jovens parecem defender uma abordagem focada na redução dos riscos do consumo e na promoção de padrões de consumo adequados, em vez de uma atitude proibitiva por parte dos profissionais.

Por fim, destacamos como a conclusão mais relevante deste estudo o facto de o consumo de canábis parecer variar sempre entre dois polos de um contínuo. Quer seja entre uma tendência para a normalização ou para a estigmatização, entre o consumo enquanto barreira para o envolvimento social ou facilitador do envolvimento social. No fundo, tanto os resultados deste estudo como a literatura sugerem que este comportamento parece deslocar-se num espetro entre a normatividade e o desvio, consoante o contexto social, ambiental e temporal onde ocorre, assim como as variáveis inerentes aos agentes que o protagonizam e aos que o percecionam de uma perspetiva exterior.

6. Limitações e direções futuras

A principal limitação deste estudo prende-se com o facto de a recolha de dados da Fase 2 ter sido realizada no decorrer da pandemia da COVID-19. As restrições impostas por esta situação obrigaram a uma reorganização do método de recolha de dados, que originalmente seria feita através da condução de entrevistas semiestruturadas junto dos jovens. A utilização de questionários como alternativa limitou o conjunto de dados e materiais que foi possível obter, devido às questões de resposta fechada e escolha múltipla.

Uma outra limitação do presente estudo é o escasso número de participantes que se identificaram como consumidores. Dos 17 jovens que participaram na Fase 2, apenas 4 indicaram consumir canábis atualmente. Por este motivo, existe no conjunto dos dados uma grande discrepância entre as perceções dos jovens consumidores e não consumidores, resultando numa perspetiva predominantemente negativa do consumo.

Como sugestão para estudos futuros, seria interessante analisar os dados recolhidos no âmbito do projeto PROMISE noutros países europeus e comparar com os dados do contexto português ou integrar os dados de diversos países numa análise a nível europeu. Outra ideia interessante para estudos futuros seria explorar mais aprofundadamente a perspetiva dos profissionais e técnicos que lidam diretamente com os jovens em contextos semelhantes ao projeto de educação de segunda oportunidade no que diz respeito aos consumos de canábis por parte dos jovens. Por fim, uma direção pertinente para tomar em estudos futuros dentro deste tema é a questão da intervenção que tem como alvo os jovens com trajetórias de conflito, nomeadamente no sentido de procurar perceber se os consumos são, ou não, abordados na mesma, e de que forma. Ao investigar esta questão, é importante compreender se a intervenção é eficaz, e de que forma se pode conciliar a intervenção nos consumos com a intervenção noutros comportamentos desviantes.

Referências bibliográficas

- Akre, C., Michaud, P. A., Berchtold, A., & Suris, J. C. (2010). Cannabis and tobacco use: where are the boundaries? A qualitative study on cannabis consumption modes among adolescents. *Health education research*, 25(1), 74-82. <https://doi.org/10.1093/her/cyp027>
- Balsa, C. (2004). Consumo e consumidores de cannabis em Portugal. *Revista Toxicodependências Edição IDT*, 10(3), 3-20.
- Balsa, C., Vital, C. & Urbano, C. (2018). *IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/17*. SICAD.
- Bell, R., Pavis, S., Cunningham-Burley, S., & Amos, A. (1998). Young men's use of cannabis: exploring changes in meaning and context over time. *Drugs: education, prevention and policy*, 5(2), 141-155. <https://doi.org/10.3109/09687639809006680>
- Boys, A., Marsden, J., & Strang, J. (2001). Understanding reasons for drug use amongst young people: a functional perspective. *Health education research*, 16(4), 457-469. <https://doi.org/10.1093/her/16.4.457>
- Brodbeck, J., Matter, M., Page, J., & Moggi, F. (2007). Motives for cannabis use as a moderator variable of distress among young adults. *Addictive behaviors*, 32(8), 1537-1545. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2006.11.012>
- Carvalho, M.C. (2018). O fenómeno das drogas em Portugal: O problema, a inovação e a Renovação. In C. Ribeiro, M. Carvalho, M. Barbosa, & R. Matos (Eds), *Psicologia da Justiça e do Comportamento* (pp. 65-102). Universidade Católica Editora.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions* (2^a ed). Sage.
- Dennis, M., Godley, S. H., Diamond, G., Tims, F. M., Babor, T., Donaldson, J., Liddle, H., Titus, J. C., Kaminer, Y., Webb, C., Hamilton, N. & Funk, R. (2004). The Cannabis Youth Treatment (CYT) Study: main findings from two randomized trials. *Journal of substance abuse treatment*, 27(3), 197-213. <https://doi.org/10.1016/j.jsat.2003.09.005>
- Elliott, D. S., Huizinga, D., & Ageton, S. S. (1985). *Explaining Delinquency and Drug Use*. Sage.
- Elliott, D. S., Huizinga, D., & Menard, S. (1989). *Multiple problem youth: Delinquency, substance use, and mental health problems*. Springer-Verlag.

- Fergusson, D. M., Horwood, L. J., & Swain-Campbell, N. (2002). Cannabis use and psychosocial adjustment in adolescence and young adulthood. *Addiction*, *97*(9), 1123-1135. <https://doi.org/10.1046/j.1360-0443.2002.00103.x>
- Ferreira, A. L. A. (2011). *Percepções sobre o consumo da cannabis em estudantes universitários portugueses* [Tese de Mestrado, Universidade do Porto]. https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=272043
- Fonseca, A. (2010). O consumo de cannabis na adolescência: dados de um estudo português. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, *44-2* (2010), 61-79. https://doi.org/10.14195/1647-8614_44-2_4
- Fonseca, A. (2013). Consumo de drogas e comportamentos antissociais na adolescência: Que relação?. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, *47-1* (2013), 157-176. https://doi.org/10.14195/1647-8614_47-1_8
- Gandarinho, D. & Cruz, O. S. (2017). Percepções de jovens consumidores ‘ocultos’ de canábis sobre a lei da droga em Portugal: um estudo qualitativo. *Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, *11*, 1-29. <http://hdl.handle.net/1822/49588>
- Hammersley, R. (2005). Theorizing normal drug use. *Addiction Research & Theory*, *13*(3), 201–203. <https://doi.org/10.1080/16066350500053471>
- Hammersley, R., Jenkins, R., & Reid, M. (2001). Cannabis use and social identity. *Addiction Research & Theory*, *9*(2), 133-150. <https://doi.org/10.3109/16066350109141745>
- Hathaway, A. D. (1997). Marijuana and lifestyle: Exploring tolerable deviance. *Deviant Behavior*, *18*(3), 213–232. <https://doi.org/10.1080/01639625.1997.9968056>
- Hathaway, A. D. (2004). Cannabis users' informal rules for managing stigma and risk. *Deviant behavior*, *25*(6), 559-577. <https://doi.org/10.1080/01639620490484095>
- Hathaway, A. D., Comeau, N. C., & Erickson, P. G. (2011). Cannabis normalization and stigma: Contemporary practices of moral regulation. *Criminology & Criminal Justice*, *11*(5), 451-469. <https://doi.org/10.1177/1748895811415345>
- Hawkins, J. D., Jenson, J. M., Catalano, R. F., & Lishner, D. M. (1988). Delinquency and drug abuse: Implications for social services. *Social Service Review*, *62*(2), 258-284. <https://doi.org/10.1086/644546>
- Hays, R. D., & Ellickson, P. L. (1996). Associations between drug use and deviant behavior in teenagers. *Addictive Behaviors*, *21*(3), 291-302. [https://doi.org/10.1016/0306-4603\(95\)00059-3](https://doi.org/10.1016/0306-4603(95)00059-3)
- Kaminer, Y., Tarter, R. E., Bukstein, O. G., & Kabene, M. (1992). Comparison between treatment completers and noncompleters among dually diagnosed substance-abusing

- adolescents. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 31(6), 1046-1049. <https://doi.org/10.1097/00004583-199211000-00008>
- Kamon, J., Budney, A., & Stanger, C. (2005). A contingency management intervention for adolescent marijuana abuse and conduct problems. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 44(6), 513-521. <https://doi.org/10.1097/01.chi.0000159949.82759.64>
- Kosmicare (2020). *Uso de Substâncias Psicoativas durante as medidas de isolamento relacionadas com o surto de COVID-19 em países do Sul da Europa*. https://worldlaboratories.org/limesurvey/index.php/767423?lang=pt&fbclid=IwAR0T0nXtGT_39_vmyqUs_30X0Rm_1Pq_2m6HhR3D-Qm4yfL1dKTxRtYgIpU&fbclid=IwAR2dBa05BUCrkeQQFuAvCF2Er-MkbBvoUIKvccAaguIWsciFhGOuClvvFU
- Lei nº 30/2000 de 29 de novembro de 2000. *Diário da República nº 276/2000 – Série I - A*. Assembleia da República. <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/599720/details/normal?q=Lei+n%C2%BA%2030%2F2000>
- Lei nº33/2018 de 18 de outubro de 2018. *Diário da República nº137/2018 – Série I*. Assembleia da República. <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/115712242/details/normal?q=33%2F2018>
- Lerner, R. M., Abo-Zena, M. M., Boyd, M. J., Fay, K., Isaac, S., Kiely, M. K., Napolitano, C. M., & Schmid, K. L. (2010). Desenvolvimento positivo da Juventude – perspectivas teóricas contemporâneas. In A. C. Fonseca (Ed.), *Crianças e Adolescentes: uma abordagem multidisciplinar* (pp. 69- 90). Almedina.
- Matos, R., Campos, L., Carneiro, A., Martins, F. & Deakin, J. (2019) *Cluster Analysis: Education/justice/society*. CEDH – Research Centre for Human Development, Universidade Católica Portuguesa.
- Matos, R., Martins, F., Carneiro, A., Campos, L., Ribeiro, L., & Negrão M. (2018). *Young people with paths of psychosocial risk and deviant behaviour* (case study report). CEDH – Research Centre for Human Development, Universidade Católica Portuguesa.
- Matos, R., Martins, F., Carneiro, A., Ribeiro, L., Campos, M., & Negrão, M. (2016). *National Context Report – Portugal*. CEDH – Research Centre for Human Development, Universidade Católica Portuguesa.
- Parker, H., Williams, L., & Aldridge, J. (2002). The normalization of ‘sensible’ recreational drug use: Further evidence from the North West England longitudinal study. *Sociology*, 36(4), 941-964. <https://doi.org/10.1177/003803850203600408>

- Pearson, M. R., Liese, B. S., Dvorak, R. D., & Marijuana Outcomes Study Team. (2016). College student marijuana involvement: Perceptions, use, and consequences across 11 college campuses. *Addictive behaviors, 66*, 83-89. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2016.10.019>
- Pedersen, W., & Skardhamar, T. (2010). Cannabis and crime: findings from a longitudinal study. *Addiction, 105*(1), 109-118. <https://doi.org/10.1111/j.1360-0443.2009.02719.x>
- Ritchie, J., & Lewis, J. (2003). *Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers*. Sage Publications.
- Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD). (2019). *Relatório Anual 2018: A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências*.
- Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD) (2020). *Consumo de cannabis no quadro da pandemia COVID-19*. <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe-ODIjB4Te5A5AmCgEgpqWl0QU7UJjy0Lf-NgGAFjzDPhR4g/viewform?vc=0&c=0&w=1>
- Simons, J., Correia, C. J., Carey, K. B., & Borsari, B. E. (1998). Validating a five-factor marijuana motives measure: Relations with use, problems, and alcohol motives. *Journal of Counseling Psychology, 45*(3), 265. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.45.3.265>
- Trigueiros, L., & Carvalho, C. (2010). Novos usos de drogas: um estudo qualitativo a partir das trajetórias de vida. *Revista Toxicodependências, 16*(3), 29-44.
- Watters, J. K., Reinerman, C. & Fagan, J. (1985). Causality, Context, and Contingency Relationships between Drug Abuse and Delinquency. *Contemporary Drug Problems, 14*(3), 351-73.
- Weinberg, N. Z., Rahdert, E., Colliver, J. D., & Glantz, M. D. (1998). Adolescent substance abuse: A review of the past 10 years. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 37*(3), 252-261. <https://doi.org/10.1097/00004583-199803000-00009>
- White, H. R., Johnson, V., & Garrison, C. G. (1985). The drug-crime nexus among adolescents and their peers. *Deviant Behavior, 6*(2), 183-204. <https://doi.org/10.1080/01639625.1985.9967669>
- White, H. R., Pandina, R. J., & LaGrange, R. L. (1987). Longitudinal predictors of serious substance use and delinquency. *Criminology, 25*(3), 715-740. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1987.tb00816.x>

Anexos

Anexo 1

Questionário Sobre Consumos de Canábis

No âmbito de um projeto sobre desafios e oportunidades dos jovens na Europa, está a ser realizada na Universidade Católica Portuguesa uma dissertação de Mestrado em Psicologia com o objetivo de conhecer as perspetivas de jovens sobre consumos de canábis.

Pensamos que a tua experiência é importante e gostávamos que a pudesses partilhar connosco, preenchendo este questionário. A decisão de participar é unicamente tua e podes desistir a qualquer momento. A participação é anónima e confidencial e os dados recolhidos através deste questionário serão utilizados apenas para este projeto de investigação. Por favor, lê atentamente as seguintes instruções:

Para efeitos do preenchimento deste questionário, entende-se por “consumos de canábis” o consumo de quaisquer substâncias provenientes da canábis, tais como marijuana e haxixe, mais habitualmente referidos como “erva” e “ganza”. Pedimos-te que leias com atenção as questões e que respondas a todas da forma mais completa possível, pois a tua experiência é muito importante para nós. Não existem respostas certas ou erradas, apenas aquela que melhor corresponde ao que fazes, pensas e sentes.

O questionário tem um total de 27 questões e inclui questões de resposta aberta e de resposta fechada. O seu preenchimento tem uma duração estimada de 15 a 20 minutos. Ao longo do questionário, encontrarás a opção "outra" no final de diversas perguntas. Deverás seleccioná-la caso não encontres uma opção que se aplique a ti, indicando no espaço disponível uma opção que consideres adequada ao teu caso.

Se tiveres alguma dúvida, podes contactar-nos através do e-mail: mari.duro@hotmail.com.

Obrigada pela tua atenção, disponibilidade e colaboração!

Declaro que sou maior de idade, tomei conhecimento e compreendi os objetivos do presente estudo, li e aceito os termos da participação neste estudo, autorizo que os dados aqui fornecidos por mim sejam tratados pelos investigadores para fins científicos e participo neste estudo de forma voluntária: []

Questões:

1. Qual a tua idade? ___

2. Qual o teu género?
 - [] Masculino
 - [] Feminino
 - [] Prefiro não dizer
 - [] Outro

3. Qual o teu nível de escolaridade?
 - [] 4º ano
 - [] 6º ano
 - [] 9º ano
 - [] 12º ano
 - [] Outro

4. Há quanto tempo frequentas a escola de segunda oportunidade?
 - [] Menos de 1 ano
 - [] 1 ano
 - [] 2 anos
 - [] 3 anos
 - [] Mais de 3 anos
 - [] Outro

5. Neste momento, tens um emprego?
 - [] Sim
 - [] Não

5.1. Se respondeste "sim" à questão anterior, indica qual a tua ocupação profissional atual.

6. Com quem resides? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Sozinho
- Com companheiro(a)
- Com filho/a(s)
- Com amigo/a(s)
- Com a mãe
- Com o pai
- Com companheiro(a) da mãe
- Com companheira(o) do pai
- Com irmão(s)
- Com colega(s) de casa
- Outro

7. Já consumiste canábis?

- Sim
- Não

8. Com que idade consumiste canábis pela primeira vez? __

9. Consomes canábis atualmente, ou consumiste nos últimos 6 meses?

- Sim
- Não

Responde às questões que se seguem com base na tua experiência do dia a dia ANTES do isolamento social devido à COVID-19, quando participavas diariamente nas atividades presenciais na escola de segunda oportunidade.

10. Quais as substâncias derivadas da canábis que costumavas consumir? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Marijuana (“erva”)
- Haxixe (“ganza”)
- Outro

11. Com que frequência consumes canábis?

- Todos os dias
- 4 a 6 dias por semana
- 2 a 3 dias por semana
- Alguns dias por mês
- 1 dia por mês
- Raramente
- Outra

12. Com quem costumavas consumir canábis? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Sozinho
- Com um(a) companheiro(a)
- Com amigos
- Com familiares
- Com colegas da escola
- Com colegas do trabalho
- Com estranhos
- Outro

13. Em que locais costumavas consumir canábis? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Na casa onde vives
- Na casa de amigos
- Na casa de familiares
- Em bares ou cafés
- Em parques ao ar livre
- Em ruas, praças ou jardins
- Na escola
- No local de trabalho
- Outro

14. Em que momentos/ocasiões costumavas consumir canábis? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Em festas
- Em momentos de convívio com amigos
- Em momentos de convívio com familiares
- Antes ou depois do trabalho
- Na pausa do trabalho
- Antes ou depois das aulas
- No intervalo das aulas
- Antes ou depois das refeições
- Depois de acordar
- Antes de ir deitar
- Outro

15. Quais as principais razões que te levam a consumir canábis? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Ajuda-me a lidar com os problemas
- Ajuda-me a ser mais sociável
- Os meus amigos consomem
- Os meus familiares consomem
- Ajuda-me a relaxar
- Divirto-me mais quando consumo
- Ajuda-me a ser mais criativo(a)
- Consumo para celebrar certas ocasiões
- Ajuda-me a ser mais extrovertido(a)
- Ajuda-me a ficar mais animado(a) quando me sinto desanimado(a)
- Ajuda-me a concentrar
- Sinto-me mais feliz quando consumo
- Consigo obter a substância facilmente
- Outro

16. Consideras que o consumo de canábis trouxe/traz consequências negativas para a tua vida?

- Sim
- Não

16.1. Se respondeste "sim" à questão anterior, indica quais as consequências negativas que o consumo de canábis trouxe/traz para a tua vida. Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Dificuldades em controlar o consumo
- Dependência
- Problemas económicos
- Problemas nas relações com amigos
- Problemas nas relações com familiares
- Problemas nas relações com colegas da escola
- Problemas nas relações com colegas do trabalho
- Tenho um pior desempenho na escola
- Tenho um pior desempenho no trabalho
- Problemas psicológicos
- Dificuldades em cumprir as minhas responsabilidades
- Problemas de saúde
- Outro

17. Consideras que o consumo de canábis trouxe/traz consequências positivas para a tua vida?

17.1. Se respondeste "sim" à questão anterior, indica quais as consequências positivas que o consumo de canábis trouxe/traz para a tua vida. Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Consigo lidar melhor com os meus problemas
- Tenho relações melhores com os meus amigos
- Tenho relações melhores com os meus familiares
- Tenho relações melhores com os meus colegas da escola
- Tenho relações melhores com os meus colegas do trabalho
- Ando mais relaxado(a)
- Divirto-me mais
- Sou mais feliz
- Outro

18. Como achas que os outros jovens vêem o consumo de canábis?

- De forma positiva
- De forma negativa

18.1. Porque consideras que os outros jovens vêm o consumo de canábis dessa forma?
Consegues dar exemplos? _____

19. Como achas que as pessoas mais velhas vêm o consumo de canábis?

De forma positiva

De forma negativa

19.1. Porque consideras que as pessoas mais velhas vêm o consumo de canábis dessa forma?
Consegues dar exemplos? _____

20. Como achas que os professores da escola de segunda oportunidade vêm os consumos de canábis?

De forma positiva

De forma negativa

20.1. Porque consideras que os professores da escola de segunda oportunidade vêm o consumo de canábis dessa forma? Consegues dar exemplos? _____

21. Nas atividades da escola de segunda oportunidade costumam falar de consumos de canábis?

Sim

Não

21.1. De que forma costumam falar sobre consumos de canábis na escola de segunda oportunidade?

De forma positiva

De forma negativa

21.2. Porque consideras que na escola de segunda oportunidade se fala sobre o consumo de canábis dessa forma? Consegues dar exemplos? _____

21.3. O que pensas acerca da forma como se fala sobre os consumos de canábis na escola de segunda oportunidade? _____

22. Desde que ficaram suspensas as atividades presenciais na escola de segunda oportunidade devido à COVID-19, os teus consumos de canábis alteraram-se?

Não

Sim

Responde às questões que se seguem com base na tua experiência do dia a dia APÓS a suspensão das atividades presenciais na escola de segunda oportunidade devido à COVID-19.

22.1. Se respondeste "sim" à questão anterior, de que forma se alteraram os teus consumos de canábis devido à COVID-19? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

Comecei a consumir canábis

Passei a consumir mais frequentemente

Passei a consumir menos frequentemente

Passei a consumir uma maior quantidade de cada vez

Passei a consumir uma menor quantidade de cada vez

Deixei de consumir canábis

Outra

23. Com que frequência tens consumido canábis?

Todos os dias

4 a 6 dias por semana

2 a 3 dias por semana

Alguns dias por mês

1 dia por mês

Raramente

Outra

24. Com quem tens consumido canábis? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

Sozinho

Com um(a) companheiro(a)

Com amigos

Com familiares

Com colegas da escola

Com colegas do trabalho

Com estranhos

Outro

25. Em que locais tens consumido canábis? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Na casa onde vives
- Na casa de amigos
- Na casa de familiares
- Em bares ou cafés
- Em parques ao ar livre
- Em ruas, praças ou jardins
- Na escola
- No local de trabalho
- Outro

26. Em que momentos/ocasiões tens consumido canábis? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Em festas
- Em momentos de convívio com amigos
- Em momentos de convívio com familiares
- Antes ou depois do trabalho
- Na pausa do trabalho
- Antes ou depois das aulas
- No intervalo das aulas
- Antes ou depois das refeições
- Depois de acordar
- Antes de ir deitar
- Outro

27. Quais as principais razões que te levam a consumir canábis neste momento? Selecciona todas as opções que se apliquem ao teu caso.

- Ajuda-me a lidar com os problemas
- Ajuda-me a ser mais sociável
- Os meus amigos consomem
- Os meus familiares consomem
- Ajuda-me a relaxar
- Divirto-me mais quando consumo

- Ajuda-me a ser mais criativo(a)
- Consumo para celebrar certas ocasiões
- Ajuda-me a ser mais extrovertido(a)
- Ajuda-me a ficar mais animado(a) quando me sinto desanimado(a)
- Ajuda-me a concentrar
- Sinto-me mais feliz quando consumo
- Consigo obter a substância facilmente
- Outro